



ENSAIO FOTOGRÁFICO
O medo dos porcos

Marisol Marini¹
Universidade de Campinas

MARINI, Marisol. **O medo dos porcos (Ensaio fotográfico)**. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 7 (14): 289-300, maio a agosto de 2020. ISSN: 2358-5587

ACENO

¹ Doutora em Antropologia Social pela USP. Atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutorado na Unicamp. Integra os grupos de pesquisa: NUMAS – Núcleo de Estudos dos Marcadores Sociais da Diferença, LAPOD - Laboratório de Estudos Pós-Disciplinares e GEICT – Grupo de Estudos Interdisciplinares em Ciência e Tecnologia. Integrou o grupo de pesquisa Mind the Body, sediado na Holanda. Realizou um projeto audiovisual sobre a pesquisa de doutorado intitulado “Corpos Instáveis” (Link: <https://www.youtube.com/watch?v=RoL4AhYYFo&feature=youtu.be>)

O ensaio fotográfico foi realizado no âmbito da pesquisa etnográfica sobre a produção de dispositivos de assistência circulatória também conhecidos como corações artificiais, que transformou-se na tese intitulada *Corpos Biônicos e Órgãos Intercambiáveis – a produção de saberes e práticas sobre corações não-humanos*. O desenvolvimento de tais dispositivos cardíacos ocorre em três distintos momentos: os testes *in vitro*, também conhecidos como testes de bancada; os testes *in vivo*, que são cirurgias experimentais performadas em animais; e as avaliações em humanos. Apresento aqui imagens do segundo momento, das cirurgias agudas realizadas em porcos, que se caracteriza como um processo de validação dos dispositivos, de avaliação de sua adequação, além do treinamento da técnica cirúrgica que poderá ser realizada em humanos no futuro.

As imagens explicitam a participação e entrelaçamento de inúmeros atores, humanos e não-humanos, para a emergência de uma nova entidade, composta pelo órgão do animal associado a um dispositivo de assistência ventricular. Dadas as semelhanças anatômicas, nas cirurgias experimentais os porcos mimetizam os órgãos e corpos humanos. Os procedimentos são ritualizados e as relações ali instituídas operam “como se” o porco fosse um humano, revelando as transformações transespecíficas emergidas. Assim, as relações entre animais humanos e não-humanos não operam apenas como interespecíficas nos testes *in vivo*. Comparativamente, a naturalização e transformação dos corpos nos procedimentos cirúrgicos operam como esforços simétricos inversos de humanização dos porcos e desumanização dos humanos.

A narrativa trazida pelas imagens ilumina a transformação do animal em campo cirúrgico, com o isolamento do órgão a ser manipulado, a transformação do corpo em bancada, operando como uma naturalização dos porcos, que se tornam abstraídos pelo campo cirúrgico. Os esforços de apagamento, no entanto, por vezes fracassam, deixando escapar uma coxa, um mamilo, gestos afetados, momentos dramáticos. Os animais participam desses rituais como vítimas sacrificiais para salvaguardar a humanidade dos humanos e garantir-lhes vida futura, contribuindo de maneira fundamental para o avanço da ciência e da produção tecnológica.

Cabe destacar que o registro fotográfico se constituiu como uma estratégia metodológica, como uma forma de justificar a presença da antropóloga no campo cirúrgico, atribuindo uma função a uma espectadora não prevista na cena – comumente ocupada por inúmeros profissionais que participam de uma verdadeira coreografia através das quais técnicas ritualizadas são performadas.

Todas as imagens foram realizadas num centro cirúrgico experimental de uma instituição médica de São Paulo, em 2014.

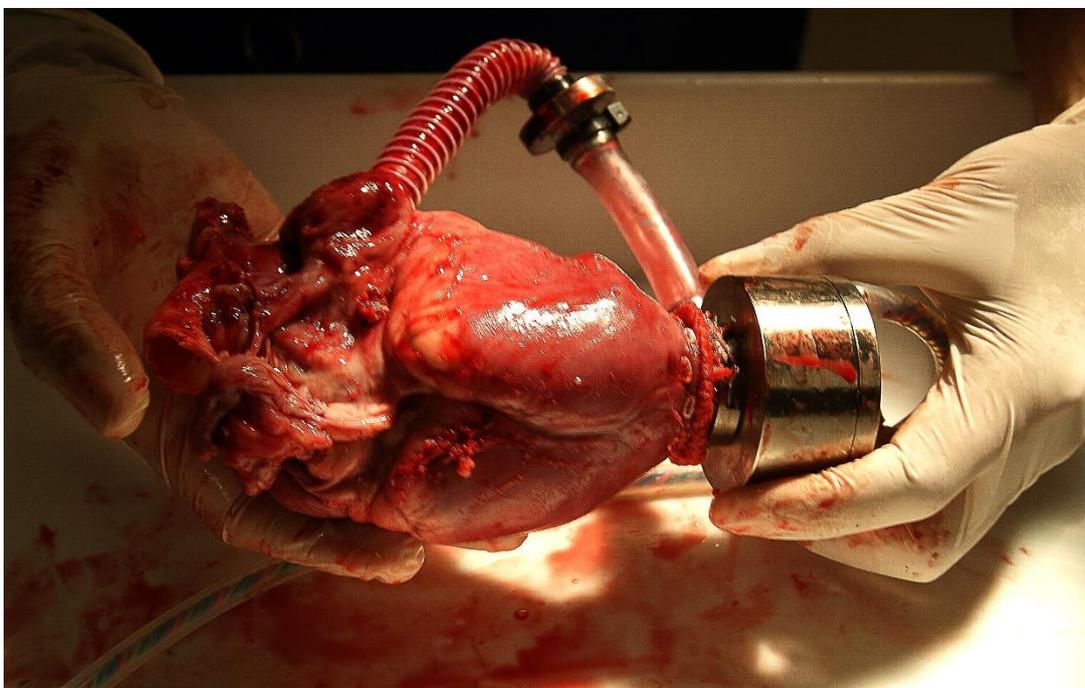


Foto 1 – Enlace

As cirurgias experimentais consistem na implantação de um dispositivo mecânico que tem por objetivo auxiliar o órgão nativo. Eis o que sobrevive às intervenções cirúrgicas: o arranjo entre o dispositivo e o órgão. A carne e o aço são posteriormente analisados, em busca de rastros que permitam compreender a relação instituída ao longo do procedimento. Como tornar esta relação mais harmônica?

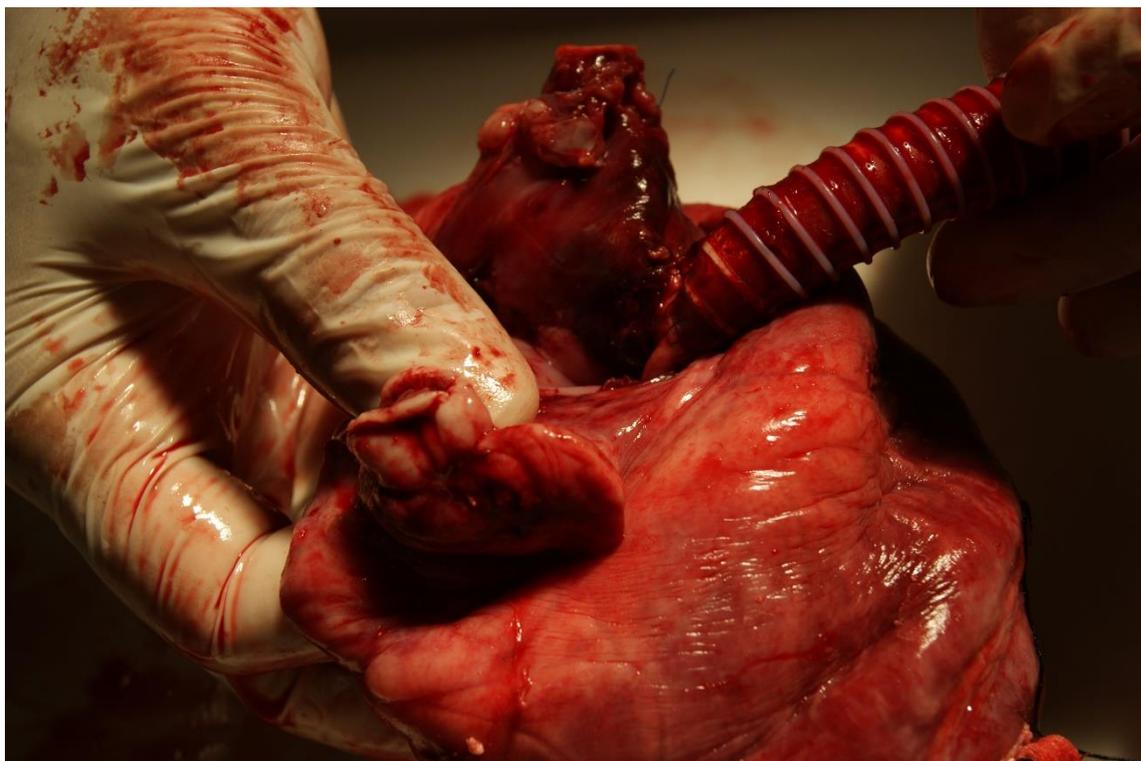


Foto 2 – Cavidade

Um órgão descontextualizado, extraído de um corpo, de um sistema no qual integra e para o qual dá coerência e mantém oxigenado. Aqui órgão exposto, mutilado, cuja carne começa a ganhar novas tonalidades. Corpo que flui e se espalha para além da organização, cavidade aberta, na qual uma cânula que performa o ventrículo é inserida.

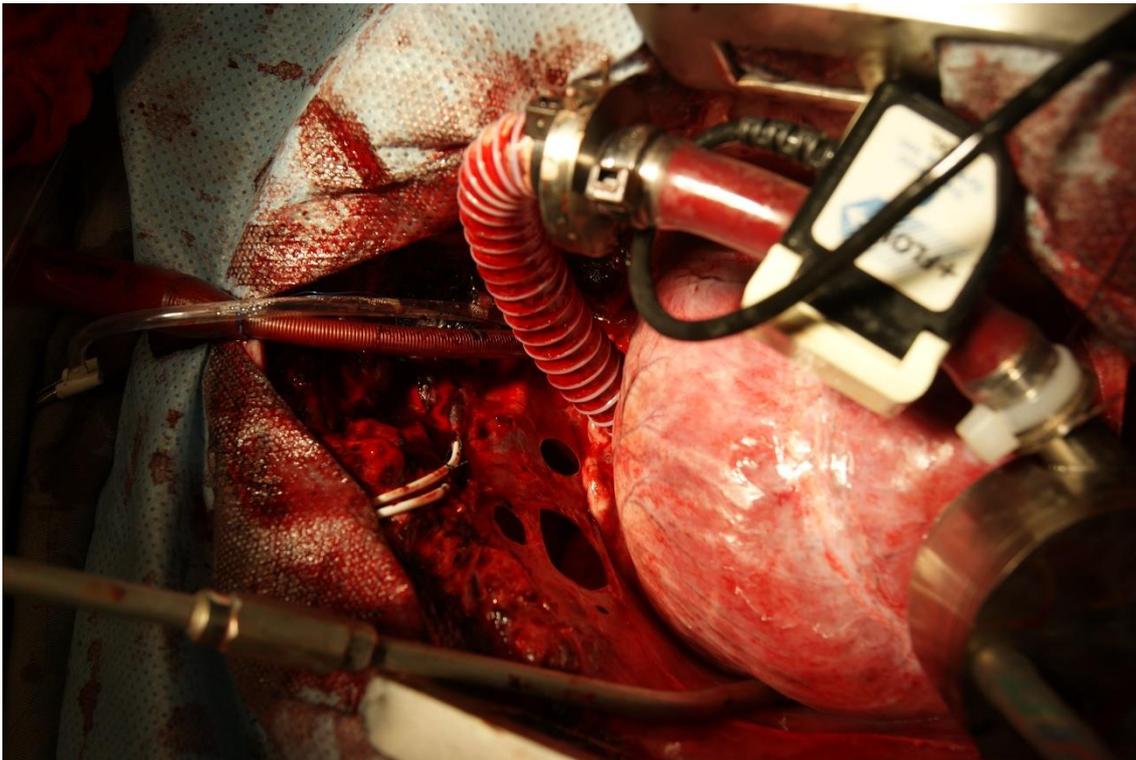


Foto 3 – Rasgo

É difícil a tarefa de contenção do sangue. Ele ensopa os tecidos, jorra, vaza. Há também os tecidos corporais, que se rompem, se esgarçam, ficam machucados. O pericárdio se rompe, atribuindo dramaticidade à cena. É difícil também a tarefa de registrá-la. O movimento é incessante. O coração insiste em bater.

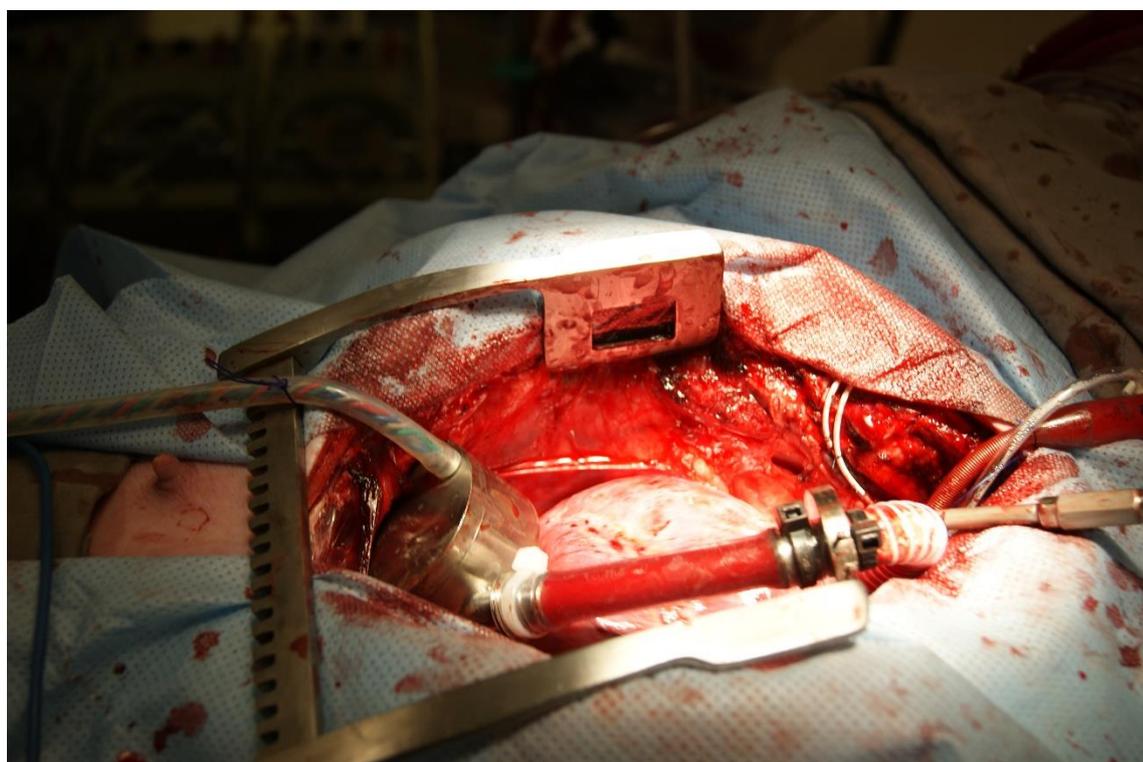


Foto 4 – Deslize

Há momentos em que a pessoa escapa ao disciplinamento do campo cirúrgico. Um mamilo nos lembra que tem alguém embaixo do campo que transforma o corpo em bancada. A semelhança dos corpos, o que permite naturalizar os porcos, convocando-os para performar a fisiologia humana, pode gerar confusão.

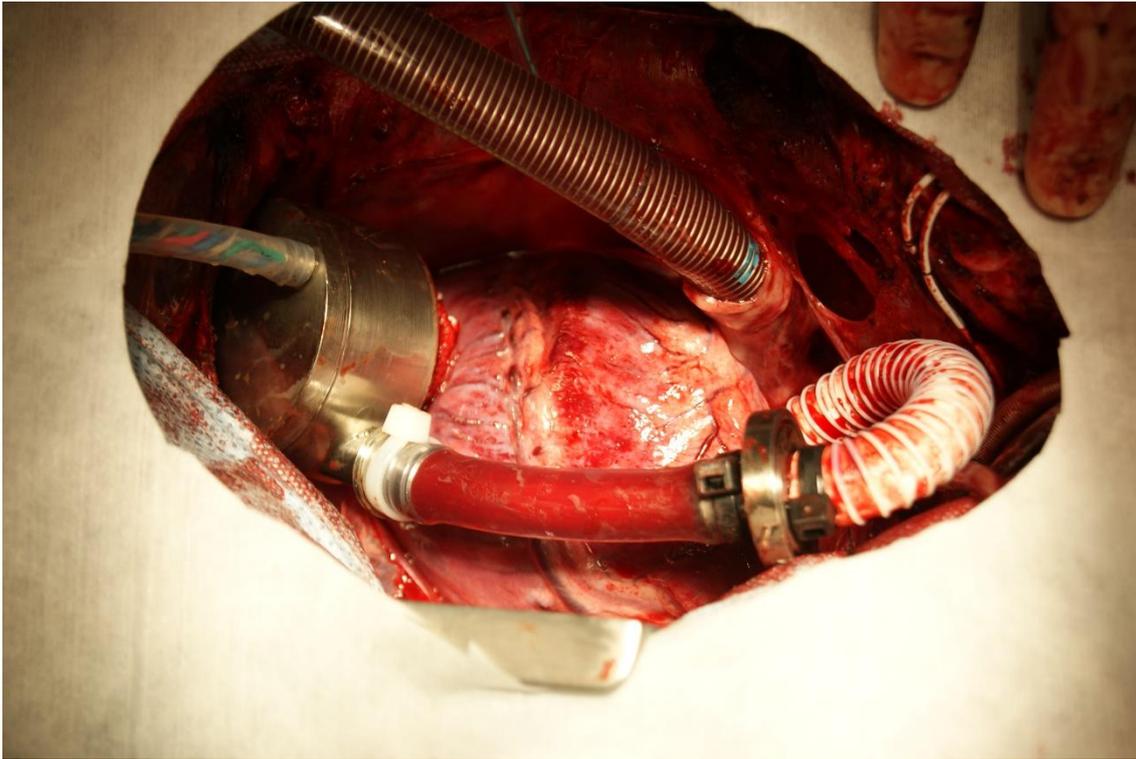


Foto 5 – Composição

Há poucos minutos o cirurgião principal havia se incomodado com a realização das fotografias, num momento tenso, cujo registro parecia ser inapropriado. Finalmente com o dispositivo devidamente implantado, ele organizou o entorno para que o procedimento saísse bem na foto.

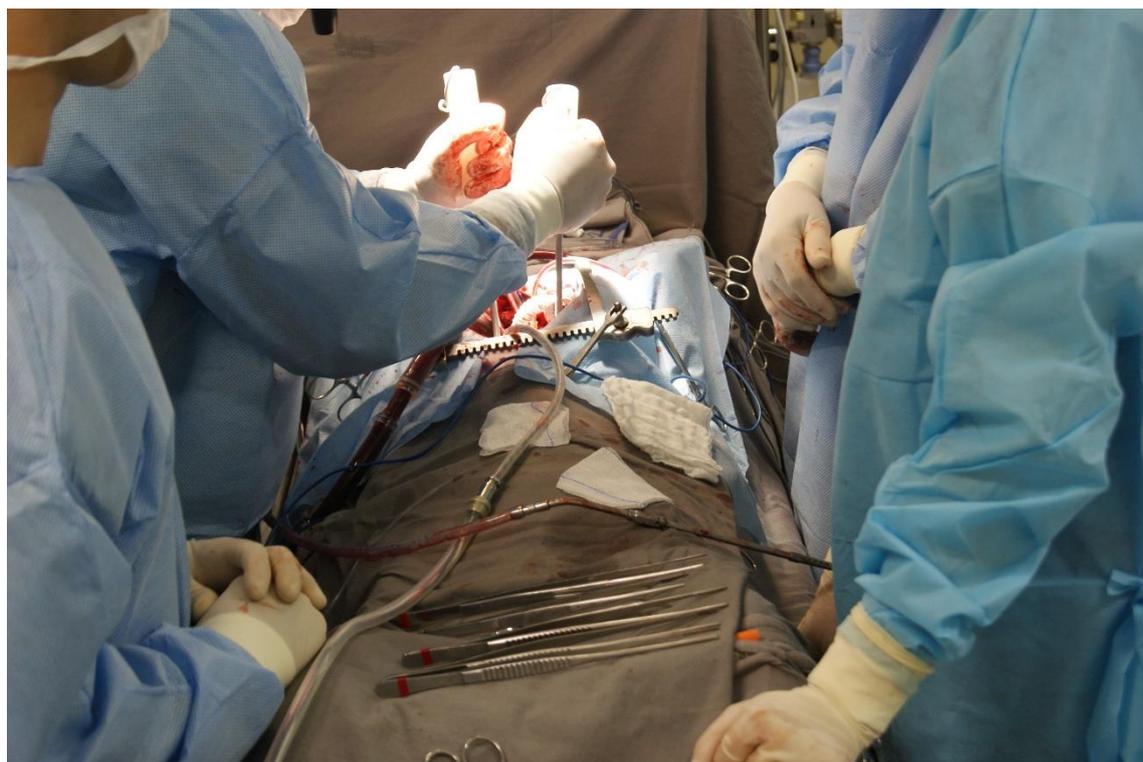


Foto 6 – Reanimar

Depois de formada a nova entidade composta pelo órgão nativo e o dispositivo de assistência circulatória é preciso colocá-la em movimento. O coração paralisado para ser manipulado, agora conectado ao mecanismo, precisa ser reanimado. Os fluxos e movimentos levam um tempo para se sincronizar e estabilizar.

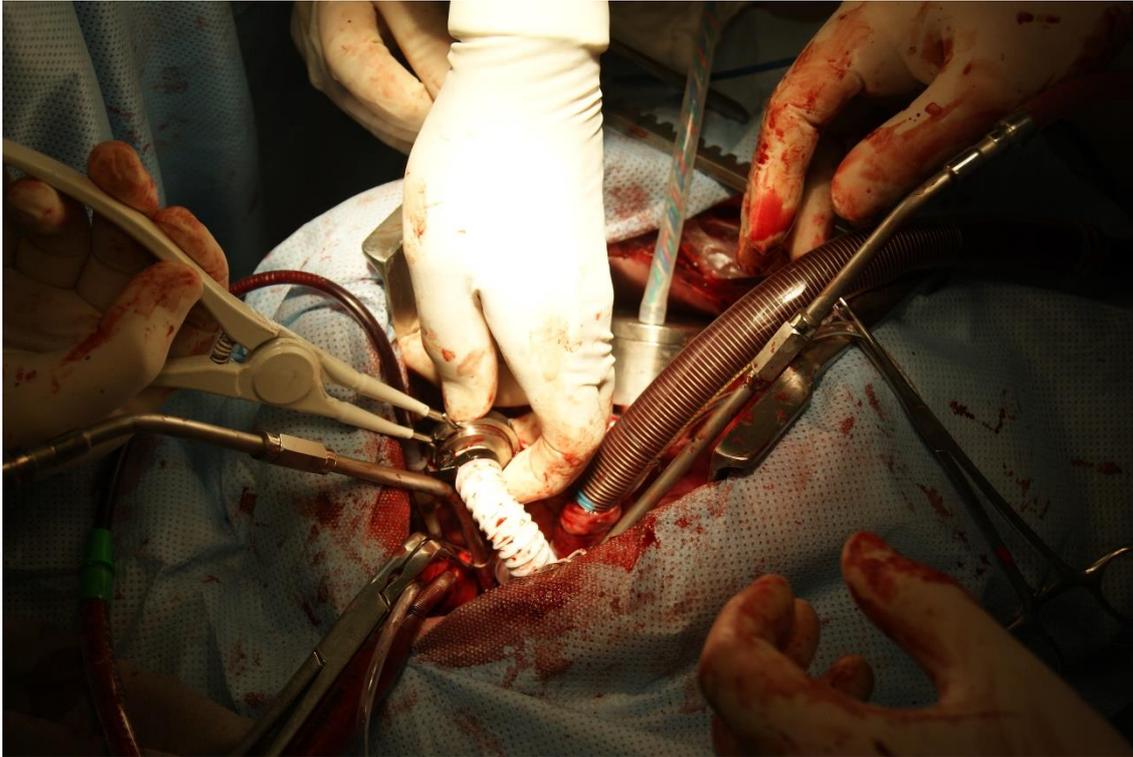


Foto 7 – Coreografia

Há uma coreografia bastante ensaiada, de modo que cada ator sabe como se comportar. Mas há também sempre elementos surpresas. Um registro da ciência em ação, do dispositivo e sua forma se impondo, demandando transformações. A dificuldade de realizar o encaixe levou a adequações do dispositivo posteriormente. É comum que os testes *in vivo* façam os engenheiros retornarem para as bancadas.

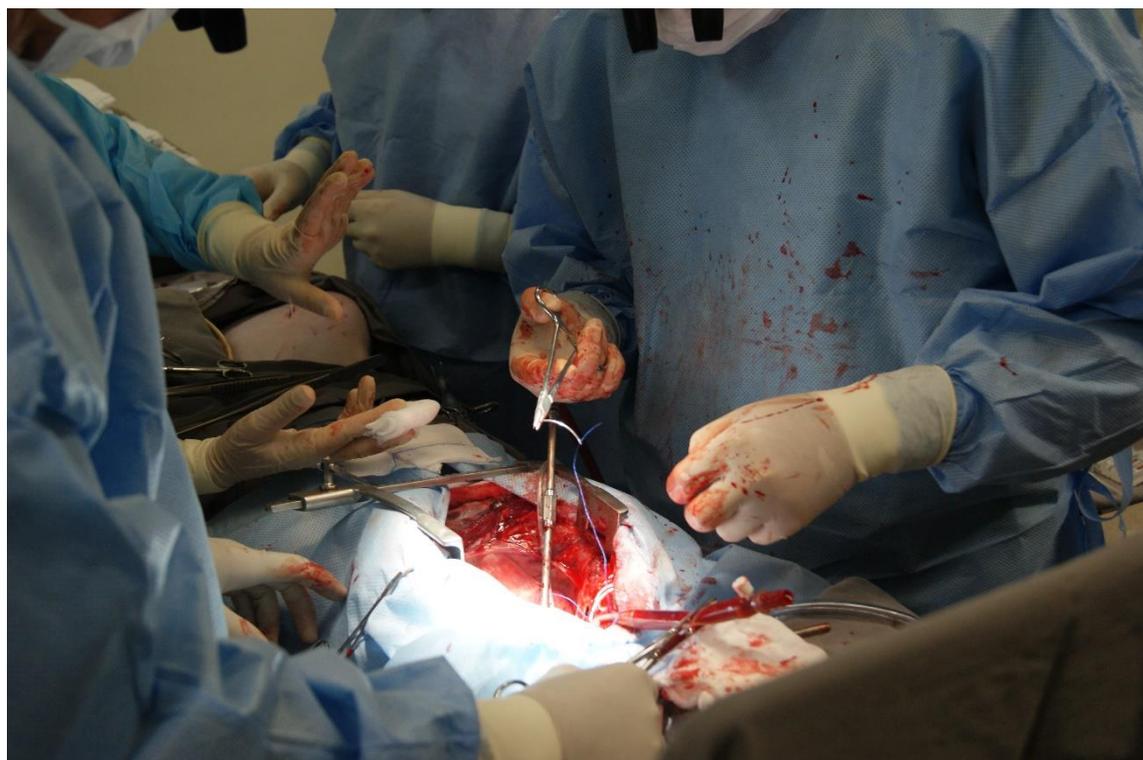


Foto 8 – Corpo estendido

Os atos cirúrgicos são performados por uma composição de corpos, mãos, instrumentos, gestos e movimentos que se expandem para além das mãos do cirurgião principal. As ações demandam uma coordenação de movimentos e habilidades artesanais, manuais e tecno-morais. Um cirurgião certa vez contou que os metros de fios já costurados e utilizados em procedimentos cirúrgicos nos quais participou, se esticados em linha reta, possivelmente dariam a volta no planeta.

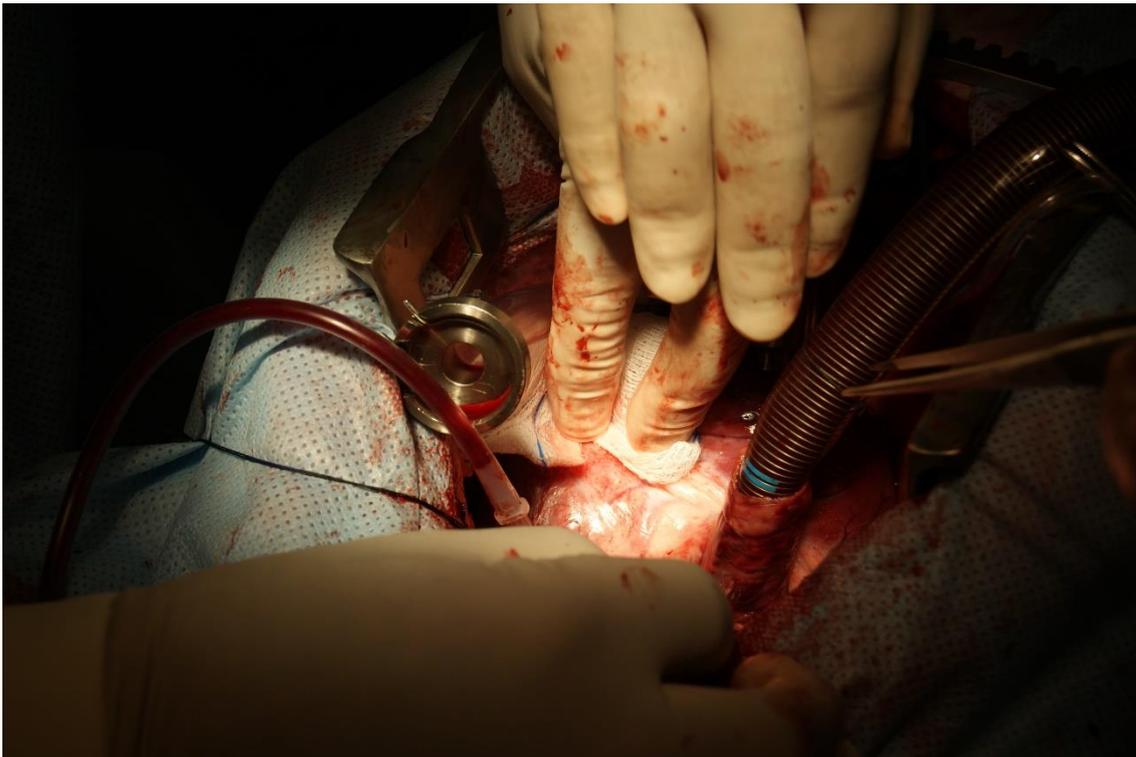


Foto 9 – Estancar o sangue

Somar forças para estancar o sangue, ou um ato de cuidado e carinho? Nessa cena os gestos técnicos e distanciado parece se confundir com um ato carinhoso.



Foto 10 – Os porcos sentem medo diante da morte?

*Recebido em 13 de janeiro de 2020.
Aceito em 29 de julho de 2020.*